

# MODOS DE VIDA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL DE AGRICULTORES FAMILIARES DE UM PROJETO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (PDS)

ARRUDA, Terezinha Pinto de<sup>1</sup>

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta<sup>2</sup>

CARDOZO, Daiane Roncato<sup>3</sup>

ALMEIDA, Luiz Manoel de Moraes Camargo<sup>4</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa trata da dinâmica de um Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) com abordagem qualitativa dirigida à análise do modo de vida das famílias de agricultores associado à segurança alimentar e nutricional, com destaque para as relações de cooperação, sociabilidade, consumo alimentar, eventuais conflitos e possível inovação nos canais de comercialização da produção. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, por meio de entrevistas abertas, diário de campo e registros fotográficos. A escolha por este caminho possibilitou demonstrar que as questões de insegurança ou segurança alimentar se explicam igualmente pelas relações de sociabilidade, pelo compartilhamento de novas rotas de comercialização e pela valorização – nem sempre concretizada – da dimensão ambiental do PDS em uma região harmonizada pelo complexo agroindustrial canavieiro.

**Palavras-chave:** Assentamentos rurais. Políticas públicas. Sustentabilidade. Segurança Alimentar e Nutricional. Diário de campo.

**Abstract:** This research deals with the dynamics of a Sustainable Development Project (PDS) based on qualitative approaches aimed at

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, Universidade de Araraquara – UNIARA. Analista da Embrapa Instrumentação. E-mail: [terezinha.arruda@embrapa.br](mailto:terezinha.arruda@embrapa.br).

<sup>2</sup> Docente e Coordenadora do PPG em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (Mestrado e Doutorado), UNIARA. E-mail: [vbotta@techs.com.br](mailto:vbotta@techs.com.br).

<sup>3</sup> Doutora em Alimentos e Nutrição, Universidade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: [daiianecardozo@msn.com](mailto:daiianecardozo@msn.com).

<sup>4</sup> Docente e Pesquisador em políticas públicas da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Campus Lagoa do Sino. E-mail: [manoel77@yahoo.com.br](mailto:manoel77@yahoo.com.br).

analyzing the way of life of the families of farmers associated with food and nutritional security, with emphasis on the relations of cooperation, sociability, food consumption, eventual conflicts and possible innovation in the commercialization channels of production. The methodology used was action research, through open interviews, field diary and photographic records. The choice of this route made it possible to demonstrate that the issues of insecurity or food security are also explained by the relationships of sociability, sharing of new marketing routes and by the valorization - not always realized - of the environmental dimension of the PDS in a region harmonized by the agroindustrial complex sugarcane.

**Keywords:** Rural settlements. Public policy. Sustainability. Security and Nutrition Food. Field journal.

## Introdução

O campo social dos assentamentos rurais em uma região dominada por um complexo agroindustrial tão importante como o sucroenergético traz grandes desafios para aqueles que acreditam na viabilização da agricultura familiar assentada na produção de alimentos, do abastecimento dos mercados locais, da agroecologia, das práticas de solidariedade e da autonomia dessas famílias agricultoras, dentre outros (DUVAL; FERRANTE, 2016).

O Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) é uma nova modalidade de assentamento que vem sendo investigada, especialmente pela sua finalidade de promover e valorizar a sustentabilidade neste universo, o acesso à terra e a conjuntura familiar em suas diversas dimensões e relações. Essa modalidade nunca havia sido implantada antes no estado de São Paulo (DUVAL; FERRANTE, 2016). Foi criada por meio da Portaria do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) n. 477/99, a qual define o PDS como “uma modalidade de projeto de assentamento, de interesse socioeconômico ambiental, destinado às

300 ARRUDA; FERRANTE; CARDOZO; ALMEIDA      Modo de vida e...  
populações que envolvem ou que se disponham a desenvolver atividades de baixo impacto ambiental baseados na aptidão da área”.

O PDS Santa Helena, localizado na região administrativa central paulista, é universo de diversas pesquisas com maior foco nas questões socioambientais. Lopes (2015) destacou em seu estudo as dificuldades mais enfrentadas em relação a esse aspecto: a insuficiência de pressão do sistema existente de captação e abastecimento de água para a produção agropecuária e a falta de recursos financeiros. Como possibilidades, ressaltou a comercialização nos mercados institucionais, em feiras de orgânicos e entrega regular de cestas, uma vez que 80% dos sistemas de produção do PDS estavam em transição agroecológica.

Em um estudo, Gonçalves (2015) analisa a importância dos movimentos sociais na constituição do PDS apontando aspectos positivos e lacunas nessa intervenção, priorizando os processos educativos e os significados para a vida dos seus participantes. Mateus (2016) analisa relações de afinidade existentes entre alunos (as) e professores como um eixo de sustentação da nova proposta.

Sem dúvida, é importante dimensionar, na análise do modo de vida dessas famílias, outros aspectos voltados à renda, ao trabalho (atividades de produção e comercialização), associações e cooperativismo, saúde, autoconsumo, perspectiva da segurança alimentar e nutricional, que são importantes indicadores para a análise socioambiental desse território.

O artigo de Arruda et al. (2017) prioriza o dimensionamento da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) pelos parâmetros do Índice da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para agricultores familiares. No presente artigo, a ênfase é dada nas diferentes facetas que estruturam o modo de vida de famílias assentadas com destaque para as relações de cooperação, de sociabilidade, para os eventuais conflitos, o autoconsumo, as inovações nas redes de comercialização e as associações

dessas dimensões com avaliação qualitativa da SAN.

Nesse sentido, o artigo buscou, com base na metodologia de pesquisa-ação, priorizando-se o diário de campo, analisar as especificidades do modo de vida das catorze famílias do PDS Santa Helena, município de São Carlos, tais como origem, gênero, costumes, autoconsumo, hábitos alimentares e solidariedade entre os agricultores.

## Metodologia

A pesquisa de campo no PDS Santa Helena foi realizada no período de abril de 2015 a março de 2016. A caracterização e análise das famílias foram realizadas por meio de diálogos com os produtores, por meio de visitas regulares aos lotes que, pela inspiração antropológica, conforme Whitaker (2002), tiveram seus registros etnográficos devidamente anotados em caderno ou diário de campo, por ser uma ferramenta eficaz, que preserva a liberdade de expressão e a autenticidade dos entrevistados e promove a criatividade dos envolvidos.

Duval (2015) aponta que essa técnica pode ser empregada como uma forma de descrever o cotidiano enfrentado pelo pesquisador durante suas viagens de campo. Contudo, exige muita atenção e conhecimento sobre o campo social investigado, devendo o pesquisador estar muito mais alerta às situações vivenciadas para não perder detalhes cruciais das reais conversas com os interlocutores da pesquisa (WHITAKER, 2002). A memória do pesquisador e uma cuidadosa vigilância epistemológica (no sentido de quebrar os preconceitos que pode haver contra o modo de vida no meio rural) são essenciais para a compreensão da realidade, assim como também é a confrontação das opiniões individuais junto ao grupo de pesquisadores que vão junto a campo (DUVAL, 2015).

## Resultados e discussão

### Origem e cultura das famílias

A maior parte das famílias de agricultores (casal) do PDS Santa Helena com histórico familiar de lida com a terra é originária do Estado da Bahia (5), seguido dos Estados do Paraná (3), São Paulo (3), Minas Gerais (2) e Alagoas (1).

Na primeira fase da pesquisa de campo, por meio dos diálogos mantidos com os agricultores e sua família, destacou-se a relação entre a regionalidade das famílias e a importância da conservação dos hábitos alimentares tradicionais pelos participantes migrantes, o que interfere na melhoria da qualidade de vida dos moradores, em seus aspectos socioeconômicos e ambientais. De acordo com a visão sobre alimentação e vida de Valente (2002, p.1):

O ato de alimentar-se, alimentar seus familiares e aos outros é um dos que mais profundamente reflete a riqueza e a complexidade da vida humana em sociedade. Os hábitos e práticas alimentares de um ser humano, de sua família e de sua comunidade são um produto da história e da vida de seus antepassados, um reflexo da disponibilidade de alimentos e de água na localidade onde residem, e de sua capacidade econômica e física de ter acesso aos mesmos.

A situação descrita por Valente (2002) é vivenciada por um dos pesquisadores, de origem sul-mato-grossense e que reside há 27 anos no município de estudo. Os migrantes sentem falta de seus hábitos alimentares tradicionais (familiar e regional), e quando os pratos da região de origem são feitos, isso é celebrado, pois esse fato reporta os sujeitos a um passado de bem-estar e de confraternização com seus familiares e com seus antepassados, contribuindo para a melhoria da qualidade de

vida dos membros da família, assim como relatou uma agricultora:

Eu acho a comida do paulista muito sem-graça... não tem tempero, não tem pimenta, não tem cor e eu me sinto mais feliz e satisfeita quando eu mesma faço e como as comidas da minha terra [Bahia], daí lembro da comida da minha avó, da minha mãe, daí dá pra matar um pouco da saudade (Caderno de Campo, 2015).

Essas lembranças de aromas e sabores relacionadas às receitas elaboradas de acordo com o gosto familiar e regional são o que mantêm vivas e reproduzidas as culturas alimentares de cada indivíduo (DUVAL, 2010), proporcionando-lhe bem-estar e melhoria da qualidade de vida. Além disso, ao se avaliar a SAN de uma população e/ou indivíduo, Cardozo (2016, p. 26) afirma:

não basta olhar somente para a quantidade ou o tipo de alimento que o indivíduo ingere ou se este estará com baixo ou excesso de peso; as trajetórias, costumes, origem, preferências, e principalmente, condições de vida dessas famílias vão muito além de medidas ou de ingestão da quantidade adequada de alimentos.

## Trajetórias de vida no processo da conquista pela terra

Os diálogos transportavam a um universo diferente com cada família, principalmente sobre o período de trajetórias no processo da conquista pela terra, o qual variou de 5 a 44 anos, passando por vários estados, municípios e assentamentos. Este período foi marcado por histórias de sofrimentos e superações, desde a vida com seus pais e avós, estes também agricultores, em sua região de origem até os dias atuais, respeitando a idade e o tempo de luta até chegarem ao PDS Santa Helena,

conforme expressos em alguns relatos:

Percorri durante mais de 44 anos na minha juventude lá no interior da Bahia, eu morava no sítio do meu pai. Até hoje sinto saudade das terras do meu pai que ficou lá na Bahia... [fala com o semblante triste, olhando e apontado o horizonte] lá ele plantava “melancia de Deus” e que eu vi também dessa melancia em Bebedouro, lá na década de 60 e ela se chama assim “de Deus”, porque nasce em qualquer lugar, grande e pequena, em diferentes regiões do Brasil. Outra é a “abóbora menina” que eu plantei desde que entrei aqui e planto até hoje [feliz] (Caderno de Campo, 2015).

Nós *muié* [mulheres] também *sofria* junto com nossos maridos que saíam em busca de terra (!), porque a gente ficava sozinha *cuidano de nossos fio* [filhos]... eu tive um total de nove *fio* e perdi duas meninas [semblante triste], de meningite e desidratação. Eu sai da casa do meu pai onde eu tinha de um tudo, muita fartura e vim *morá* em São Paulo... (Caderno de Campo, 2015).

Eu saí com 17 anos do sítio do meu pai pra cidade. [...] vi muita coisa feia [...] e hoje, aqui, vivo no céu (Caderno de Campo, 2015).

Trabalho árduo, sofrido, de escuro a escuro e foram 44 anos de minha vida para ter o meu pedaço de terra... enfrentando polícia, exército, despejo... e, depois, aqui, os jagunços do *grilheiro*... mas eu te digo que valeu a pena!! Até hoje guardo a lembrança do tempo vivido em baixo de lona, podendo ser morto por tiro ou picado por cobra, escorpião (Caderno de Campo, 2015).

Nós já *foi bóia-fria*, percorremos e sofremos juntos por essas estradas *toda*... por isso que, hoje, somos

todos amigos (Caderno de Campo, 2015).

Vi meu pai procurar água com forquilha, sabe aquele pauzinho? Pois é... hoje eu planto saúde, porque alimento orgânico é saúde, né? E tenho muito orgulho e satisfação disso. Crio meus *animal* pra vender aqui na porta da minha casa, no Natal, na Páscoa... (Caderno de Campo, 2015).

De acordo com os relatos dos agricultores, as principais dificuldades enfrentadas encontram-se na contaminação (diferentes tipos) da água, na degradação do solo (pela monocultura de cana-de-açúcar anterior à instalação do PDS), na falta de regularidade de visitas técnicas aos lotes (assistência técnica) e na comercialização institucional da produção orgânica e de seu excedente para programas de SAN (Programa de Aquisição de Alimentos-PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE), os quais, embora não tenham sido enfatizados neste trabalho, são importantes estratégias locais de comercialização da agricultura familiar.

Apesar de alguns avanços, como a instalação de fossa séptica biodigestora, a construção de um clorador (pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA), a análise da água de todo o PDS e doação de filtro de cerâmica (pela rede de Educação ENACTUS da Universidade de São Paulo - USP), a análise de solo e a certificação efetiva de produtos orgânicos, ainda há ações a serem efetivadas: construção de parcerias para a comercialização institucional (programas de SAN), além de capacitação e orientações sobre doenças e pragas e vacinação periódica de animais.

Uma importante retrospectiva sobre os termos “agricultores” e “assalariados agrícolas” foi realizada por Duval (2010) que, por se tratar de ofícios realmente distintos, são exercidos pelos indivíduos para



poderem subsistir ao longo de sua trajetória de vida. Socialmente são caracterizados como população pobre rural, termo que os distancia da terra, exercendo trabalhos rurais, ora como agricultor, ora exercendo trabalhos agrícolas, como boia-fria, assalariados e temporários.

Na interpretação dos termos “agricultor familiar” (tradição familiar de seus avós, pais) ao “assalariado agrícola” está o assentado que, com suas trajetórias de vida de luta pela terra, volta à condição de agricultor. A partir de então, trava-se uma luta diferente de voltar a se reconhecer como tal e se adaptar à nova condição de agricultor “moderno”, cumprindo as exigências de convivência num projeto de assentamento (DUVAL, 2010).

Nesse sentido, caminham os agricultores do PDS Santa Helena, que vivenciaram e subsistiram às fases de trabalho rural como agricultores (em terras alheias) e aos trabalhos agrícolas, como boias-frias ou assalariados ou temporários, muitos se conhecem desde então na trajetória de luta pela terra percorrendo longos caminhos entre estados, cidades e assentamentos, motivo de fortalecimento de amizade e companheirismo. Em razão de todas as dificuldades que vivenciaram juntos, uma característica é marcante nos agricultores familiares do assentamento em questão: o empoderamento, por se reconhecerem e serem reconhecidos no território em estudo como agricultores familiares (Figura 1), responsáveis por mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.



Fonte: Pesquisa de campo (2016).

**Figura 1 – Placa de reconhecimento do PDS Santa Helena como assentamento produtor de hortifrutigranjeiros**

## Costumes e qualidade de vida

Ao entrar no PDS Santa Helena, é perceptível sua riqueza paisagística e as inúmeras conquistas, frutos do esforço e pró-atividade de cada um na busca de parceiros para conseguirem a melhoria do espaço como um todo: Escola de Jovens e Adultos (EJA), eletrificação rural, melhoria de sua casa, tecnologias implantadas para preservação do meio ambiente e de incentivo a práticas agrícolas ecologicamente corretas, priorizando a saúde de crianças, homens e mulheres que lá vivem.

No entanto, como em todo meio social, ainda existem conflitos internos, como divergência de opiniões que se chocam enfraquecendo o coletivo que se agrupa por laços de parentesco ou reciprocidade. Esses conflitos são amenizados através de diálogos coletivos promovidos pelos parceiros que lá atuam, representando seus órgãos, suas empresas e universidades,

e também a promoção de oportunidades de confraternização, como o “Junta Pannelas”, momento de celebrar o hábito alimentar cultural de cada um e a troca de receitas e interação entre as agricultoras (Figura 2).



Fonte: Pesquisa de campo (2016).

### **Figura 2 – Confraternização e troca de receitas “Junta Pannelas” entre agricultoras do PDS Santa Helena**

O conforto material trazido pelas casas de alvenaria ameniza as lembranças de suas longas caminhadas “até o pé encher de bolhas” e de suas barracas de lona, dormindo direto no chão à mercê de picadas de escorpião; agora sua cozinha é azulejada pelo menos até a metade da parede, com eletrodomésticos modernos, como microondas, fogão a gás, geladeira, freezer.

Seus pequenos jardins (espaços de convivência muito agradáveis), sempre floridos, refletem a alegria e satisfação de seus moradores pela conquista de seu pedaço de chão e o fato de voltarem a morar no campo, demonstram o respeito que os moradores têm para com o relevo e a flora local (bromélias, orquídeas) e a conscientização da problemática ambiental local, mantendo preservadas árvores que são resquícios de

Cerrado (Figura 3).



Fonte: Pesquisa de campo (2016).

### **Figura 3 – Jardim harmônico no PDS Santa Helena**

Além de cultivarem o gosto por sua moradia, os agricultores e agricultoras do PDS Santa Helena e suas famílias participam de atividades religiosas nas igrejas católica e evangélica, localizadas no condomínio vizinho de chácaras, denominado “Concórdia”, cujos vizinhos os reconhecem como agricultores familiares e a importância destes para com a conservação do meio ambiente local, prestigiando-os com a compra de seus hortifrutigranjeiros, como ovos, galinhas, carnes de porco, linguiça, sendo estes dois últimos vendidos sazonalmente em datas festivas, como a Páscoa, o Dia das Mães, o Dia dos Pais e o Natal; compram também produtos não agrícolas, tais como queijos, doce de leite e compotas de frutas, no mercado tradicional (feiras) e diretamente no lote. Abaixo, o relato de um dos moradores mais antigos do condomínio de chácaras “Concórdia” em relação à dinâmica de vida dos produtores:

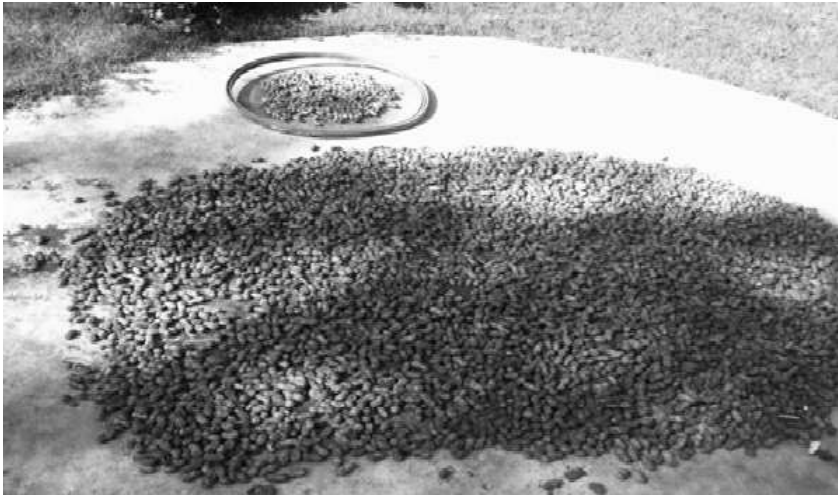
Há 16 anos comprei o terreno da chácara (setembro/1998), fica na quadra 6, na rua principal

(Alameda dos Tucanos, s/n). Comprei antes do Assentamento Santa Helena ser instalado e sou amigo de todos eles. Compro frutas, verduras e legumes do Donizeti. Porco, galinha caipira, compro do Pierre. E do seu Joãozinho “dente de ouro”, compro frango e porco também. Da Dona Teresinha e Osvaldo, compro feijão da época, ovo caipira – é um casal muito trabalhador (Caderno de Campo, 2015).

Apesar de existirem no Santa Helena relações familiares de parentesco (pais, mães, filhas e filhos, irmãs e irmãos, cunhadas e cunhados, noras e genros), é com os vizinhos da chácara que seus moradores mantêm vínculos de compadrio, estreitando os laços de amizade e de vínculos de pequenos serviços como jardineiro, pedreiro, azulejista, faxina, babá e outros, que lhes garantem a melhoria de sua subsistência e a permanência no campo.

## Solidariedade entre as famílias de agricultores: a marca do novo modo de vida

Desde o primeiro acesso ao PDS Santa Helena, em março de 2011 com outras pesquisas, foi perceptível a solidariedade existente entre os agricultores, como se todos formassem uma grande família. Uma das primeiras ações solidárias e comunitárias foi a questão da água não potável (armazenada num carro-pipa enferrujado), que causava doenças dermatológicas, especialmente nas crianças. Em seguida, a troca de sementes trazidas de sua região de origem (feijão, milho diversos, amendoim), como mostra a Figura 4, confirmando a presença de pratos de solidariedade neste modo de vida.



Fonte: Pesquisa de campo (2016).

#### **Figura 4 – Troca de sementes de amendoim-cavalo entre agricultores**

Três agricultores colaboram com os demais na lida com o trator comunitário, na feitura de canteiros e trato da terra para plantio, cobrando um valor simbólico por horas de trabalho; pequenos consertos nas casas também são feitos por quem tiver maior habilidade em eletricidade, hidráulica, assentamento de azulejos ou construção civil.

Há também a colaboração com os agricultores que ainda não foram alfabetizados, levando os seus produtos para serem comercializados nas feiras e a troca destes quando há demanda dos clientes. Igualmente para a entrega de produtos destinados ao mercado institucional (PAA e PNAE do município) e ao mercado tradicional (feiras), conforme relatos:

As bananas da Teresinha são bonitas e como eu não planto banana, levo as delas para serem vendidas na feirinha da UFSCar e na feira também... (Caderno de Campo, 2015).

Se me pedem galinha caipira, pego lá na Teresa,

porque as delas são bonitas também... (Caderno de Campo, 2015).

Quando um de nós não sabe ler, nem escrever e nem “fazer conta”, eu pego os *produto dele* e levo pra vender também (Caderno de Campo, 2015).

Os agricultores participam de feiras de troca de sementes crioulas, como a realizada em parceria com a Ecovila Tibá e assentamentos da região, como também em assentamentos de outros territórios, como o PDS Sepé Tiarajú, localizado em Serrana/SP (próximo a Ribeirão Preto/SP).

## O protagonismo das mulheres no assentamento

As mulheres do PDS Santa Helena são proativas, empoderadas e sabedoras de seus direitos e deveres como cidadãs e se reconhecem como agricultoras de produtos orgânicos; têm bom humor e convívio maleável; lutam pelas necessidades do assentamento, por meio de reivindicações junto à Câmara Municipal de São Carlos, para que possam ir conquistando itens necessários para a segurança (postes de energia elétrica), a melhoria da produção, como os canos de PVC para que todos os lotes tenham acesso à água armazenada em seu reservatório de 12 mil litros (água captada do poço artesiano), bebedouro para o espaço de convívio que todos chamam de “barracão” e onde também funciona a EJA. Elas vão pessoalmente até os órgãos de pesquisa do município (EMBRAPA e universidades) em busca de parcerias que lhes atendam na solução de seus problemas prioritários: os socioambientais, como água e solo, e socioeconômicos, como produção e comercialização, entre outros.

É importante enfatizar que são as mulheres que, além dos trabalhos domésticos (limpar a casa, lavar, passar, cozinhar, cuidar dos

animais domésticos), são as responsáveis pelas hortas, cabendo aos maridos a feitura dos canteiros com enxadas e pás, pois a maioria dos lotes não possui implementos agrícolas ou pequenos tratores para tal tarefa. Acordam entre 4h30 – 5h00, e na feitura dos alimentos, dão a estes um destaque ímpar como melhoria nutricional. O café da manhã é feito atendendo ao gosto dos membros da família (marido, filhos, netos): café, leite, chá, polenta de forno recheada com queijo meia-cura (tudo feito por elas); o ovo frito não é apenas um ovo frito, é acompanhado por queijo e pão caseiro. Esse cuidado especial com a família merece um olhar diferenciado.

Cabe também às mulheres chamar seus filhos e netos para auxiliá-las quando do plantio de *feijão da safrinha*, no trato (comida) dos animais maiores (vacas, cavalos, porcos), na varrição do terreno em torno da casa, estabelecendo horário para cada atividade. E são obedecidas. São as guardiãs do autoconsumo e tendo as rédeas desta prática, passam a ter igualmente papel decisivo no cuidado com a alimentação das famílias.

Um dos maiores anseios das mulheres do Santa Helena é se aposentar como agricultoras e a grande maioria já tem tempo para tal, porém, o tempo em que trabalharam no campo, mas em propriedades alheias e que não tiveram sua carteira de trabalho assinada é o maior empecilho imposto pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INSS). Para a maioria delas, o reconhecimento de data deveria ser desde que elas moravam nos sítios dos seus pais e avós, porque sempre trabalharam desde criança na lida na roça.

### Hábitos alimentares e autoconsumo: a segurança do alimento orgânico

Arruda *et alii* (2017) apontou em seu estudo uma maior frequência de famílias com segurança alimentar no PDS Santa Helena, mostrando a



importância do desenvolvimento rural na vida dos pequenos produtores, explicada pela produção, pelo autoconsumo, pela cultura e pelos hábitos alimentares, que implicam a percepção do sujeito em relação ao acesso e à disponibilidade do alimento.

A maioria dos agricultores e seus familiares mantêm seus hábitos alimentares tradicionais ou de sua região de origem) e os agricultores que fazem parte da Rede Agroecológica Santa Helena relataram ter diminuído o consumo de carne vermelha e priorizado sua própria produção de alimentos orgânicos para autoconsumo:

Antes eu comia muita carne vermelha. Hoje, como mais arroz, feijão, milho e legumes refogados; me sinto melhor alimentada; a saúde melhorou; e gosto mais de comer carne moída pra fazer com legumes e croquete” (Caderno de Campo, 2015).

Eu crio minhas galinhas com muito amor... e como sou mineira eu gosto muito de comer galinha caipira feita na panela, daí eu vou pingando água até ela ficar douradinha... Mas eu morro de dó de *vendê elas*, mas tenho que *vendê*, por que senão como que a gente vai *vivê*, né?! (Caderno de Campo, 2015).

Do mesmo modo, Duval *et alli* (2012) apontam, em sua análise sobre autoconsumo e diversificação agrícola, que a produção para o autoconsumo representa importante estratégia para a reprodução social e econômica de famílias assentadas, destacando a utilização de algumas variedades de alimentos do gosto das famílias, como feijão, raças de aves ou suínos, “que, no assentamento, encontram um lugar no qual terá sua reprodução garantida (ou ao menos possibilitada), pois é lugar de ocupação permanente das famílias que as cultivam” (DUVAL *et alli* 2012, p.20).

No período de pesquisa de campo, a pesquisadora (primeira autora

deste artigo) fazia suas refeições na casa dos agricultores entrevistados (Figura 5) e nesse período, alimentou-se prioritariamente com grãos (milho, feijão), batata-doce, arroz e frango caipira, chegando a emagrecer sete quilos, sem sentir fome ou vontade de comer entre uma refeição ou outra, levando ao pressuposto de que o alimento orgânico oferece maior tempo de saciedade. Talvez, por este motivo, os agricultores passam longas horas sem se alimentar, não se importando em pular uma ou duas refeições.



Fonte: Pesquisa de Campo (2016).

### **Figura 5 – Pratos típicos regionais das Agricultoras do PDS Santa Helena**

Inovações no sistema produtivo: a incorporação de práticas de natureza agroecológicas nas ações

O que há de mais importante no PDS Santa Helena é que a cada dia aumenta a transição agroecológica de sua produção orgânica, pois a maioria de seus lotes (8) foi contemplada com o sistema agroflorestal

(SAF), como mostra a Figura 6, implantados por meio da parceria de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP (Iniciativa Verde) com a UNIARA, através de seu Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia (NEEA).



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

### **Figura 6 – Sistema agroflorestal intercalando plantio de feijão guandú, milho verde e árvores nativas**

Reconhecido pelos agricultores como o pioneiro na implantação do SAF/Café Orgânico (Figura 7) no PDS Santa Helena, o pesquisador Lopes (LOPES *et alli*, 2012) recebeu o seguinte relato de uma agricultora que teve implantado em seu lote o primeiro SAF de café (consórcio café x árvores nativas), promovido pelos parceiros OSCIP Iniciativa Verde e UNIARA:

Eu já plantava café... mas era mirrado... não ia pra frente. Depois que o Paulo [Rogério Lopes] implantou o SAF, melhorou e muito [a produção], estou muito contente. Ele me explicou direitinho o que é esse

sistema de árvores junto com o café... (Agricultora, Caderno de campo, 2015).

A pesquisa e experimentos dessa tecnologia “café agroecológico” foram realizados por mim numa propriedade familiar e trazida pra cá. Dos 40 pés de café ‘que plantei em consórcio com as árvores nativas, morreu apenas um. Os outros SAFs [noutros lotes] foram instalados em meados de janeiro/2015 até meados de fevereiro/2015. O por que da inserção de arbóreas antes da plantação de café? Porque s e tem incidência de doenças, de pragas e de deficiência nutricional, a *Clotalaria juncia* (cobertura verde mais o feijão guandú) promove a adubação natural do solo e afugenta os insetos naturalmente, por isso o solo em baixo dos pés de café não pode ficar tão limpo (Pesquisador Lopes, Caderno de campo, 2015).

Foi observado em dois lotes do PDS Santa Helena a produção de café orgânico (ou agroecológico) com práticas agroecológicas somente para autoconsumo (Caderno de Campo, 2015), variando de 5 a 8 kg/mês.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

**Figura 7 – Café agroecológico cultivado através da tecnologia SAF no PDS Santa Helena**

Em outro lote, a implantação do SAF se deu em meados de janeiro a meados de fevereiro de 2015, com os seguintes relatos:

As arbóreas foram compradas e doadas pela Iniciativa Verde [OSICIP]. É importante manter a cobertura verde nas áreas de SAF. Hoje, um erro técnico, hoje não se planta com adubação de verão e, sim, de inverno. Por isso, terá a metade da biomassa. Podemos ver que as plantas têm a mesma idade, a diferença é que umas foram plantadas na fase da seca e as outras, no período das chuvas (Pesquisador Lopes, Caderno de Campo, 2015).

A gente plantou feijão “cara suja” com sementes crioulas lá do Paraná e que foram doadas por minha cunhada que mora no assentamento “Nova São Carlos” [segundo assentamento da RA do município de São Carlos, SP]. E esse feijão é bem mais resistente que o feijão “carioquinha” (Agricultora Zita, Caderno de campo, 2015).

No assentamento Bela Vista [Araraquara, SP], que foi plantado na mesma época, vocês verão que a adubação verde (guandú) cresceu super bem, protegendo o SAF dos ventos... Aqui se plantou feijão, mandioca, café, com a proteção do “capim-colchão” e está OK. Em apenas cinco meses já vemos o bom resultado. Vale a pena continuar, pois a resposta [da produção via SAF] foi positiva. Vocês, moradores do Santa Helena que aceitaram a implantação do SAF, são os guardiões dos SAFs – para sairmos da plantação convencional para a agroecológica (Pesquisador Lopes, Caderno de campo, 2015).

O SAF é educativo, porque coloca o agricultor em contato direto com os aspectos da ecologia, meio ambiente... O SAF é um modelo diferente de produzir – autonomia e é saudável. Tem viabilidade econômica e ambiental porque não usa agrotóxicos (Pesquisador

Duval, Caderno de campo, 2015).

Durante a realização de um Dia de Campo, foi mencionado pela agricultora Lindamira que no dia 16/05/2015 haveria o “mutirão de saneamento”, promovido pela EMBRAPA Instrumentação em parceria com a OSCIP Iniciativa Verde e a ENACTUS, com a doação de filtros de barro “pote” para todos os moradores do Santa Helena, bem como sorteio de FSB, cloradores e JF, para os lotes que não tinham sido ainda contemplados com essas tecnologias em 2014, em colaboração com a transição agroecológica.

A Rede Agroecológica Santa Helena foi criada em junho de 2015, por oito agricultores e agricultoras do PDS Santa Helena e a ENACTUS. Importante foi o relato de uma agricultora sobre a importância da produção orgânica do Santa Helena e sua relação com a saúde de seus moradores: “Aqui a gente planta saúde. Tudo nosso é plantado sem veneno e quem compra de nós, tem saúde que nem nós” (Caderno de campo, 2016), na data de comemoração dos 11 anos de implantação do PDS Santa Helena.

## Diversificação agrícola: elemento de afirmação da segurança alimentar

Acompanhando o Santa Helena em outras épocas (desde 2011), foi possível presenciar o período de seca (final 2013 e início 2015) e a alternativa encontrada por um dos agricultores na tentativa de salvar a safra de milho naquele período de estiagem e o resultado foi positivo.

A seguir, os itens agrícolas mais produzidos pelo PDS Santa Helena e suas variedades levantados durante a primeira fase da pesquisa de campo e confirmados pelo Relatório ENACTUS (2015):

- horta: couve, couve-flor, alfaces (crespa, lisa, roxa, mimosa), couve (comum e manteiga), repolho (branco e roxo), cebola (branca e roxa),

acelga, chicória, chuchu, berinjela, cheiro-verde, mandioca (branca e amarela), beterraba, milho (amarelo e vermelho), feijão (carioquinha e “cara suja” ou “roxinho”), café, tomate (comum, cereja e perinha), banana (nanica, prata e maçã), batata-doce (branca e roxa), araruta (em extinção, portanto, é preservado), mostarda, abobrinha (brasileirinha e italiana), moranga, abóbora (comum e “menina”, muito apreciada pelos alunos que recebem merenda escolar pelo PNAE), espinafre, jiló, rabanete, quiabo, nabo, rúcula etc.;

- condimentos: gergelim preto e dourado, manjeriça verde e roxo, orégano, louro

- frutas: maracujá, graviola, limão (siciliano, thaiti, galego, cavalo), romã, morango, “melancia de Deus”, mexerica (cravo, *fedidinha* de rio), manga, goiaba, mamão, jabuticaba, amora, framboesa (observada em três lotes) etc.;

- ervas medicinais: alecrim, avelós, hortelã, erva-cidreira, capim-cidreira etc.

- produção animal: galinhas caipiras poedeiras (produção e venda de ovos) e galinhas caipiras para corte (“galinhas gordas” que são vendidas diretamente nos lotes), patos, perus, galinhas d’Angola e outros;

vacas (produção de leite para consumo doméstico e feitura de queijos, doces, pães e biscoitos, que são vendidos nas feiras e nos lotes), porcos e bois (autoconsumo e venda sazonal em datas festivas, diretamente no lote);

- abelhas (mel para autoconsumo) em apenas um dos lotes.

AENACTUS, em 2015, iniciou a instalação de casas de vegetação devidamente teladas nos lotes do PDS Santa Helena (Figura 8), para o plantio de mudas de hortaliças.



Fonte: Pesquisa de campo (2015).

**Figura 8 – Variedade de itens agrícolas no PDS Santa Helena (formação de cestas semanal pela ENACTUS e UFSCar)**

A diversidade da produção tem facilitado a inserção dos agricultores em circuitos curtos de comercialização – espaços locais em limites territoriais determinados – nos quais os produtos da agricultura familiar são comercializados e chegam sem a intermediação do grande varejo à mesa da população. Nove das catorze famílias assentadas do PDS Santa Helena participam igualmente de uma Rede Agroecológica e vendem cestas de alimentos, contribuindo para disseminar práticas de alimentação saudável.

Pode-se, pois, associar a diversificação das atividades produtivas à construção da autonomia dos assentados e à emergência de estratégias empreendedoras que se traduzem em dividendos na esfera da segurança alimentar.

Conforme relatos dos agricultores e agricultoras, um dos maiores problemas da produção agrícola são “os bichos que vem do solo”, como



as formigas, o “negrinho” que “ataca” as plantações de banana, seguido de um “coró” que extermina as plantações de pimentão, cultura de difícil trato e para a qual é exigido um tamanho padrão para atendimento às exigências do mercado institucional (PAA e PNAE).

## Considerações finais

Associações entre segurança alimentar, modo de vida, diversificação produtiva, que são traçadas e valorizadas neste artigo, permitem uma avaliação da SAN sustentada por metodologias qualitativas. As práticas de solidariedade, as dificuldades enfrentadas, os avanços constatados na inserção em cadeias não convencionais de comercialização, são elementos que contemplam os eixos do amplo conceito de SAN, socialmente construídos e compartilhados na sociedade, nos mercados e nas políticas públicas.

Ao relacionar a temática de SAN à dinâmica de modo de vida e dos hábitos alimentares dessas famílias, este trabalho contribui com outras pesquisas já realizadas neste universo de estudo, explicitando questões pouco discutidas, e muitas vezes, envolvidas em invisibilidade, como a questão do autoconsumo, o qual tem sua produção fortemente influenciada pela cultura e pelos desejos dos agricultores.

O esforço continuado em desenvolver práticas sustentáveis de produção tem sido resultante muito mais da vontade das famílias do que da ação dos programas institucionais de política pública, os quais não foram analisados no corpo deste artigo, ainda que também estejam em busca da consolidação de experiências de desenvolvimento no âmbito local e territorial.

A técnica qualitativa de diário de campo pôde completar e suprir as lacunas deixadas pelos índices de avaliação de SAN para agricultores

familiares (utilizados em outros artigos), fato este que não contradiz, mas agrega no sentido de aprimorar tais metodologias, pois ao analisar de forma isolada algumas questões, estas não mostraram favorecer a segurança alimentar das famílias, mas ao avaliar em conjunto com outras variáveis, obtiveram-se outros resultados.

Por fim, as possibilidades encontradas pelas famílias assentadas do PDS Santa Helena necessitam ser avaliadas quando se discutem diferentes arranjos sociais, políticos e econômicos, que possam alavancar estratégias diferenciadas em um território dominado pela monocultura.

## Referências

ARRUDA, T. P. et alli (In) segurança alimentar no PDS Santa Helena. *Revista de Política Agrícola*, n. 2, 2017.

CARDOZO, D. R. *Renda, consumo alimentar e estado nutricional como indicadores complementares à insegurança alimentar e nutricional no Programa Bolsa Família*. Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.

DUVAL, H. C. *Da terra ao prato: um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural*. 2010. 194 fl. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

DUVAL, H. C.; FERRANTE V. L. S. B.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Autoconsumo e as escalas de diversificação agrícola em um assentamento rural. *Raízes*, v. 32, n.2, 2012.

DUVAL, H. C.; FERRANTE, V. L. S. B. Avanços e desafios na implementação de assentamentos PDS em São Paulo: agentes e conjunturas políticas. *Retratos de Assentamentos* v. 19, n. 1, 2016.

ENACTUS. *Relatório do Projeto Geração Helena - desenvolvendo ações socioambientais*. São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), Universidade de São Paulo (USP), 2015.

GONÇALVES, J. C. *Desenvolvimento sustentável e questão agrária:*

324 ARRUDA; FERRANTE; CARDOZO; ALMEIDA      Modo de vida e...  
retóricas e realidades em movimento. 2015. 202p. Tese de Doutorado -  
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

INSTITUTO DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA.  
Portaria nº 477, de 4 de novembro de 1999. *Cria a modalidade de PDS*.  
São Paulo: INCRA, 1999.

LOPES, P. R. et al. Produção de café agroecológico no sul de Minas  
Gerais: sistemas alternativos à produção intensiva em agroquímicos.  
*Rev. Bras. de Agroecologia*, v. 7, n. 1, p.25-38, 2012.

LOPES, P. R. *Transição agroecológica do assentamento Santa Helena –*  
Problematização participativa da realidade local e “extensão” rural numa  
ótica do desenvolvimento rural sustentável, Trabalho de conclusão de  
curso - Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade de Campinas,  
2015. 102p.

MATEUS, K. A. *As Itinerâncias dos Sujeitos do Campo no seu Percurso*  
*de Escolarização: um olhar sobre os processos educativos na educação*  
de jovens e adultos assentados. 2016. Tese de Doutorado - Universidade  
Federal de São Carlos, São Carlos.

VALENTE, F. L. S. Segurança Alimentar e Nutricional: transformando  
natureza em gente. In: VALENTE, F. L. S. *Direito Humano à Alimentação*  
– desafios e conquistas. São Paulo: Cortez, 2002. p. 103-136.

WHITAKER, D. C. A. *Sociologia Rural: questões metodológicas*  
emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. 256 pp.